

## UMA EUROPA INSEGURA

Luiz Carlos Bresser Pereira  
(*O Estado de S. Paulo*, 24/10/93)

*Abstract:* A Europa está rica, mas em recessão e o desemprego é altíssimo. A Europa é democrática, mas o nacionalismo, expresso na repulsa aos imigrantes, está mais vivo do que nunca. A Europa logrou um respeito aos direitos humanos inigualado em outras partes do mundo, mas não tem outros objetivos políticos além do de manter aquilo que já logrou. A Europa é a pátria da social-democracia, mas o estado-do-bem-estar continua ameaçado pela crise fiscal e a onda conservadora, neo-liberal.

A Europa está rica, mas em recessão e o desemprego é altíssimo. A Europa é democrática, mas o nacionalismo, expresso na repulsa aos imigrantes, está mais vivo do que nunca. A Europa logrou um respeito aos direitos humanos inigualado em outras partes do mundo, mas não tem outros objetivos políticos além do de manter aquilo que já logrou. A Europa é a pátria da social-democracia, mas o estado-do-bem-estar continua ameaçado pela crise fiscal e a onda conservadora, neo-liberal. A Europa está unida na Comunidade Europeia, mas, depois do colapso do comunismo, da unificação alemã e do tratado de Maastricht, nunca essa unidade esteve tão abalada. A Europa é um baluarte de estabilidade política, mas não se sente segura. Os Estados Unidos não são mais uma meta a ser alcançada, muito menos uma fonte de segurança; são apenas um parceiro enfrentando dificuldades semelhantes e um concorrente apenas menos incômodo do que o Japão. O Leste Europeu é a prioridade econômica da Europa, mas ao invés de ajuda-lo, a Europa se protege contra ele, como se protege contra a Ásia e a América Latina.

Depois de três semanas na Europa, escrevo estas minhas primeiras impressões. É impossível resumir tantos problemas contraditórios. Mas se me perguntassem qual a palavra que hoje melhor define a Europa, eu não hesitaria em responder: insegurança. Uma enorme, insegurança. Uma insegurança que a leva a almejar conservadoramente a ordem - ordem que ela já tem.

Quais são as fontes dessa insegurança generalizada? Creio que são três medos: o medo do desemprego, o medo da concorrência do Terceiro Mundo, o medo da divisão interna.

O medo do desemprego é concreto. Cerca de 10 por cento da força de trabalho está desempregada. Por que acontece isto? Os europeus não têm uma resposta clara, e por isso se preocupam. Porque o desenvolvimento tecnológico é forte demais? Esta resposta não tem fundamento a médio prazo do ponto de vista econômico, mas tem grande ressonância aqui. Porque a imigração rouba os empregos dos europeus? Esta é outra resposta muito popular, que sem dúvida tem alguma base na realidade, embora todos saibam que os europeus não se sujeitam a realizar os trabalhos e receber os salários dos imigrantes. Porque o salário mínimo e o auxílio-desemprego são altos demais? Também aqui há um elemento de verdade. Nos Estados Unidos o nível de desemprego é menor porque seus dirigentes foram capazes de combinar um sistema de renda mínima maior com um salário mínimo menor. Porque os países enfrentam dificuldades fiscais crescentes, de forma que não existe espaço para políticas econômicas expansionistas? Sem dúvida, embora exista também um excesso de ortodoxia monetarista, como vimos na Alemanha, que compensou o desequilíbrio fiscal derivado da integração com uma rigidez monetária radical. Todas essas respostas, e especialmente as três últimas, têm base na realidade. Mas não apontam respostas fáceis, e não reduzem a insegurança.

Uma quinta explicação estaria no medo da concorrência do Terceiro Mundo, mas esta é uma fonte autônoma da insegurança para a Europa - mais genericamente para o Primeiro Mundo - dada sua importância. No final de setembro ocorreu em Washington mais uma reunião anual do FMI/Banco Mundial. E nesta reunião os países em desenvolvimento protestaram firmemente contra "o egoísmo das nações industriais", como disse o *Le Monde* (2.10). O Terceiro Mundo, que está sempre recebendo lições do Primeiro, começa a inverter os papéis. Enquanto os países ricos recusam a abrir seus mercados, não completam a liberalização comercial prevista na Rodada do Uruguai, incorrem em déficits públicos crescentes, e adotam uma política de cada um por si, os países em desenvolvimento adotam severas políticas de ajuste fiscal e abrem unilateralmente suas economias. O discurso do Primeiro Mundo continua paternalista, mas seus problemas internos são tantos, que não faz o menor sentido esperar algo deles. A Europa, em particular, pensou em um determinado momento que poderia ser uma ilha de prosperidade em um mundo de pobreza. Pensou, em especial, que a América Latina, em meio à crise dos anos 80, poderia ser marginalizada, já que não necessitava mais de suas matérias-primas e dos seus mercados. Mas subestimou a concorrência que poderia surgir do Sul, e agora, insegura, com medo, protege seu mercado interno a todo custo, embora saiba que as barreiras que pode impor ao resto do mundo são sempre precárias e provisórias.

Finalmente, a Europa está insegura, com medo de sua própria divisão interna. Conforme me disse um dos maiores intelectuais franceses, Alain Touraine, "a união da Alemanha mudou tudo". Depois da crise do Sistema Monetário Europeu, o tratado de Maastricht, de esperança transformou-se em simples inviabilidade. No Leste Europeu há um cansaço generalizado com as reformas econômicas, o que levou um dos maiores intelectuais liberais (não neo-liberais) europeus, Ralf Dahrendorf, comentando a vitórias dos ex-comunistas na Polónia, a declarar que chegou a hora de os países do Ocidente ajudarem o Leste Europeu "a criar uma rede de segurança social" (*La Repubblica*, 3.10). Como, entretanto, poderão eles contribuir nesse sentido, se em seus próprios países o sistema de segurança social está ameaçado pela crise fiscal e sofre o ataque dos conservadores?

Esta insegurança talvez tenha como causa mais geral o colapso do comunismo, que retirou dos europeus o inimigo comum que os unia. Na Itália, a coligação de centro-direita está em profunda crise depois que desapareceu a ameaça comunista, o que levou o grande filósofo político Norberto Bobbio a manifestar-me sua profunda preocupação com o futuro do país. "Não creio que a democracia esteja realmente em risco na Itália, disse-me ele, mas líderes irresponsáveis, como os dirigentes da Liga, estão trazendo instabilidade e incerteza para o país". Na França, *Le Nouvel Observateur* (30.9-6.10) faz uma grande reportagem sobre os intelectuais franceses, assinala seu afastamento da política, e conclui, de forma otimista, que, diante de transformações tão profundas que estão ocorrendo no mundo, que o que há "não é uma grande confusão mas uma bela efervescência". Pode ser, mas confesso que voltei da Europa preocupado. Nossos problemas também são imensos no Brasil. Certamente mais graves e mais agudos do que na Europa. Exatamente por isso seria melhor que nossos amigos europeus não vivessem sob o signo da insegurança e do medo. Mas isto só será possível depois de superarem a longa crise econômica em que estão imersos e a crise de valores que atravessam - a crise de um humanismo que alcançou enormes avanços internamente, mas que, no mundo interdependente e cada vez menor em que vivemos, vê-se em inescapável conflito e contradição com a miséria e a violação dos direitos humanos que prevalece no resto do mundo.